

SUMÁRIO

- 1. O DILEMA DE ZEFINHA: A MATERIALIDADE TÁTICA DA ESCRITA NO CONTO *BOAS NOTÍCIAS*** (Fernanda Karyne de Oliveira, Bruno Santos Melo, Dr^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves).....3
- 2. AS DORES DA VELHICE: A MULHER ENTRE A JUVENTUDE, A ARTE E O SEXO** (Jailma da Costa Ferreira, Maria Ismenia Lima, Ana Lúcia Maria de Souza Neves)11
- 3. MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO EM “VOZES-MULHERES”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO** (Maria Ismênia Lima Jailma da Costa Ferreira, Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves).....20
- 4. AMAR E MALAMAR: A (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MOCINHA, DO CONTO *OLHARES*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE** (Bruno Santos Melo, Fernanda Karyne de Oliveira, Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves)30



O DILEMA DE ZEFINHA: A MATERIALIDADE TÁTICA DA ESCRITA NO CONTO *BOAS NOTÍCIAS*

Fernanda Karyne de Oliveira – UEPB

Bruno Santos Melo - UEPB

Orientadora: Dr^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves – UEPB

INTRODUÇÃO

"Conto é o desafio de em poucas páginas tramar e desenrolar uma história, não deixar ponto sem nó" (Maria Valéria Rezende).

Paulista de Santos, Maria Valéria Rezende mora há vinte anos em João Pessoa – PB. Freira, militante, educadora popular, lutadora contra as injustiças e desigualdades sociais, conseguiu levar a versatilidade de sua vida para sua obra literária. Com uma obra vasta que passeia por entre contos, romances, poemas, recentemente ganhou os prêmios mais importantes da literatura nacional escrevendo sobre o que conhece: “os excluídos”¹.

Valéria traz para o centro da cena aqueles que sempre estiveram nas zonas periféricas, dá voz a quem historicamente sempre foi silenciado ao silêncio, torna visíveis aqueles que foram invisibilizados, faz das ações cotidianas e das pessoas comuns, objetos de reflexão complexos sobre a constituição interior humana. Apresenta-se assim como uma das vozes femininas mais importantes da literatura contemporânea.

Neste artigo, enveredamos pelo estudo da representação do feminino enquanto personagem no texto literário, sem perder de vista, no entanto, o contexto histórico cultural que envolve a produção da obra, quem é a autora, de onde ela escreve e o que caracteriza a sua produção. Para tanto, recorreremos ao estudo de gênero concebido enquanto instrumento teórico que permite uma abordagem das relações sociais.

A obra da escritora, dentre tantas peculiaridades, apresenta o fato de a maioria de suas personagens femininas viver sobre a imposição dos dizeres do patriarcado. São impossibilitadas de ditar e viver sua própria história. Há, portanto, a submissão do feminino mediante ao masculino. Outra marca de sua obra são os deslocamentos

¹ Fala da escritora durante uma entrevista concedida ao Jornal O globo, disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/maria-valeria-rezende-lanca-romance-inspirado-em-sua-atuacao-contra-ditadura-3-18407009>. Acesso em 19 de abril de 2016

sofridos pelas personagens que abalam as estruturas vigentes através de alguns elementos, a exemplo da linguagem/discurso.

Nos contos, poucos são os personagens que são letrados. Mas, é percebido que quando há domínio da leitura e da escrita, geralmente são as mulheres que o possuem. Parte-se da assertiva que a linguagem (leitura e escrita) é utilizada pelo feminino como uma tática para se autoafirmarem e se (re) construírem indelutavelmente, buscando assim respeito no/pelo lugar que ocupam.

Desta forma, escolhemos o conto *Boas Notícias* que faz parte da primeira coletânea de contos publicada pela autora, intitulada de *Vasto Mundo (2001)*, com vista a explicitarmos a escrita, entendida como uma tática, no sentido empregado por Michel de Certeau em sua obra *Invenção do Cotidiano (1994)*, observando-a também como elemento emancipador, tornando-se assim o elemento preponderante e influenciador dos destinos da personagem feminina na narrativa.

METODOLOGIA

Este artigo está relacionado à análise e ao estudo da literatura concebida “como um fenômeno histórico e cultural elaborado e apreciado de diferentes formas por diferentes épocas e grupos sociais” (ABREU, 2006). Com base nesta concepção, consideramos importante o estudo sobre as obras e os autores consagrados, mas também buscamos conhecer e trazer para a visibilidade autores e obras que ainda não receberam a devida atenção.

Amparados nestas proposições, elegemos como perspectiva metodológica norteadora para este trabalho a pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico. Para tanto, recorreremos ao estudo de gênero, enquanto a construção do feminino sob o domínio masculino, mas restritamente ao que diz respeito ao discurso do homem em detrimento à mulher.

O trabalho será orientado pela perspectiva de que assim como no ensino, a pesquisa em literatura pressupõe a atividade cotidiana da leitura. (AMORIM, 2011, p.59). Leitura que “envolve etapas sucessivas e simultâneas ao mesmo tempo, quais sejam, as atitudes de analisar, de interpretar e de compreender.” (AMORIM, 2011, p.68). Portanto, é nossa pretensão estudar a representação da mulher enquanto personagem no texto literário, atentando nosso olhar para a construção da personagem feminina, enquanto sujeito do discurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. “Mundo, mundo Vasto Mundo”: o *Vasto mundo* (2001) de Maria Valéria Rezende

Vasto Mundo (2001) é o primeiro livro de contos publicados da escritora. Embora seja uma coletânea de contos, percebemos que a obra é marcada pela linearidade. Há um entrelaçamento das histórias, principalmente por compartilharem do mesmo espaço onde acontecem os enredos: Farinhada – nome dado à cidade fictícia. Das 16 narrativas que compõem a obra, 11 narrativas focalizam personagens femininas quase sempre vivendo em situação de opressão. Os perfis das personagens compreendem: meninas, jovens, mulheres maduras e velhas.

Três aspectos chamam a atenção nas tramas. O primeiro diz respeito à caracterização do espaço nas narrativas voltado para uma ambientação regional: fazenda, povoado, pequenas cidades do interior onde a maioria dos personagens vive do trabalho na agricultura, sendo explorados pelo proprietário da terra, ou em pequenos comércios da pequena localidade (bares, mercearias). Poucos sabem ler e escrever, mas muitas mulheres “conhecem do ofício”, Isto é, a leitura e a escrita.

O segundo aspecto, diz respeito ao modo como as mulheres são tratadas pelos homens com os quais se relacionam, sejam eles companheiros, pais, irmãos ou tios. De um modo geral, o que se percebe é que as personagens femininas passam por um processo de invisibilidade na relação com o masculino. Por invisibilidade entendemos toda ação que favorece o ocultamento das personagens, que impossibilita que elas se realizem como uma pessoa com responsabilidades e direitos.

O terceiro aspecto é que na ausência da figura masculina dominante, as mulheres apresentam mudanças de comportamento, ainda que momentâneas, em relação à subserviência ao homem, o que chamamos de deslocamentos. Conhecidas por obedecer em silêncio às determinações impostas pelos pais, marido e irmãos, as personagens passam por transformações na personalidade e nas atitudes. Com isso, os papéis próprios de cada gênero se modificam no que não mais parece inscrever o masculino somente no público e ativo que incorpora o macho, e o feminino na exclusiva passividade do privado familiarizado.

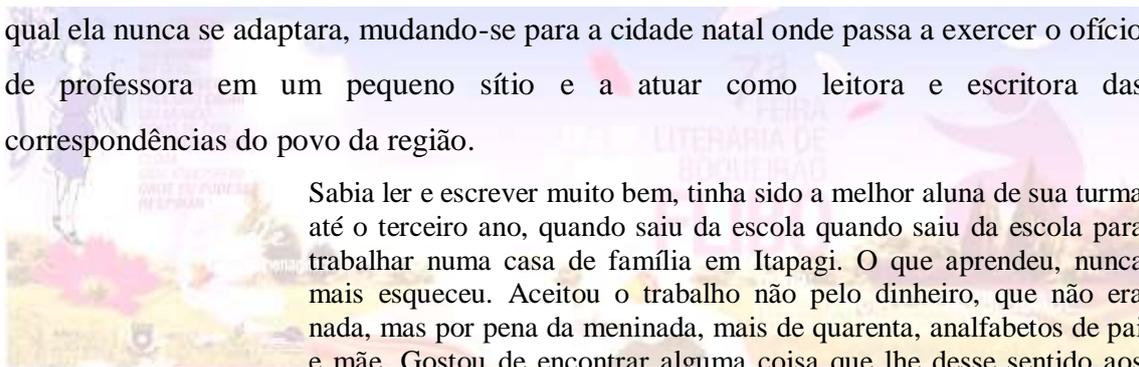
1. Atando o fio da meada: O Conto *Boas Notícias*

Em *Boas notícias*, a personagem Zefinha Lima, ao perder o marido que morre ao cair do sexto andar de uma construção na cidade do Rio de Janeiro, retorna depois de vinte anos ao pequeno lugarejo chamado Farinhada, no interior da Paraíba:

Assim que pôs os pés na praça Mauá, desembarcando carregada de meninos e trouxas, Zefinha Lima detestou o Rio de Janeiro como de detestá-lo por mais de vinte anos. Vinha a chamado do marido que já arrumara emprego numa construção, um barraco numa favela e não aguentava a solidão. Não tinha mesmo outro jeito. Como tantos outros, tinham de deixar o sítio, a Paraíba, buscar socorro no Rio de Janeiro, desde que Assis Tenório tinha tomado conta das coisas em Farinhada (p.45).

Foram vinte anos sem voltar à Paraíba. Os meninos cresceram, tornaram-se cariocas, arranjaram serviço. A vida ia indo como Deus é servido. Quando o marido caiu do sexto andar da construção, Zefinha quis morrer também. Já não pôde suportar mais o Rio de Janeiro. Esperou sair sua indenização, entregou quase todo o dinheiro aos filhos e comprou a passagem para Itapagi. Os meninos ficavam, eram dali. Ela não, nunca fora, voltava para o seu chão. (p.46)

Este deslocamento na vida da personagem ocorre tanto no aspecto geográfico, como na personalidade e nas atitudes da mulher. De doméstica e submissa às vontades do marido, ela toma as rédeas de sua vida, decidindo deixar o Rio de Janeiro, cidade a qual ela nunca se adaptara, mudando-se para a cidade natal onde passa a exercer o ofício de professora em um pequeno sítio e a atuar como leitora e escritora das correspondências do povo da região.



Sabia ler e escrever muito bem, tinha sido a melhor aluna de sua turma até o terceiro ano, quando saiu da escola para trabalhar numa casa de família em Itapagi. O que aprendeu, nunca mais esqueceu. Aceitou o trabalho não pelo dinheiro, que não era nada, mas por pena da meninada, mais de quarenta, analfabetos de pai e mãe. Gostou de encontrar alguma coisa que lhe desse sentido aos dias. (p.46).

Zefinha ajeitou-se bem o quarto que lhe deram, encostado no oitão da casa de Antônia Silva, agradeceu-se do ofício das crianças, o ofício de ensinar, da capelinha boa para se puxar um terço na boca da noite ou se recitar um ofício de madrugada, do povo de Ventania e do ar mais fresco do alto da Serra. (p.47).

Por meio da leitura e da escrita, que ela domina de maneira rudimentar, a personagem passa a reinventar os destinos das pessoas, mudando os fadários daqueles que enviavam as cartas, atuando positivamente na vida dos moradores do sítio:

Desde então, Zefinha Lima tornou-se a guardiã da alegria tranquila do Sítio Ventania. Nunca mais emprestaria a sua voz para uma notícia ruim. Quando as cartas eram boas, lia ou escrevia com a maior felicidade, sem omitir uma palavra. Não mentia à toa, pelo gosto de mentir. Continuava a ser uma mulher verdadeira, mas a verdade maior era que aquele povo precisava viver. [...] Bastavam às desgraças,

doenças, mortes e malfeitorias e malfeitorias que aconteciam ali mesmo, aos olhares de todos, que ela não podia mudar. (p.49)

Mas do que levar a felicidade, a personagem detinha os destinos dos sitiantes, era o que podemos chamar de Moira² do Sítio Ventania. Reinventar os escritos que ali estavam postos era uma forma de amenizar o sofrimento daquelas pessoas já tão castigadas com os infortúnios do dia-a-dia.

2. A (re) invenção propiciada pelas letras: A escrita como tática no conto *Boas Notícias*

A contística de Valéria é marcada quase sempre por personagens femininas silenciadas, invisibilizadas, em que o sujeito masculino é o possuidor da voz e dono do lugar de destaque. O conto em análise desconstrói esse fato ordinário das narrativas rezendeanas. Na narrativa, é a personagem “Zefinha Lima” que possui a voz e a posição de destaque, já que é a única do povoado que domina a leitura e a escrita, ainda que de forma rudimentar, atuando como professora e leitora/escrevente no lugarejo.

Diante de uma situação adversa, a morte do marido, ela resolve voltar para a sua cidade Natal no intuito de reconstruir sua vida novamente. Dizemos então que esse deslocamento geográfico também lhe proporcionou sofrer um deslocamento psicológico: de dona de casa submissa à professora e leitora/escrevente de cartas das pessoas da comunidade, ou seja, os deslocamentos sofridos por ela permitiam-na a construção de uma nova identidade. Para Hall (2014) essa possibilidade de reconstrução de identidades se dá devido aos contextos em que os sujeitos estão inseridos, as oportunidades que lhe são oferecidas, tudo isto a partir da interação entre o eu e a sociedade:

A identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2014, p. 11).

Zefinha torna-se um ícone para a população, pois detinha as competências que os moradores necessitavam para manterem contato com seus parentes que não moravam mais naquele logradouro. Enfatizando a nova identidade assumida pela mulher, recupera-se a teoria de Bauman (2005, p.34) que destaca a figura do herói popular na

² Na Mitologia Grega, as Moiras eram as Deusas responsáveis pelos destinos humanos, especialmente a duração da vida de uma pessoa e seu quinhão de atribuições e sofrimentos. Ver: <http://terapiabiografica.com.br/blog/2013/05/as-moiras-filhas-do-destino/>

pós-modernidade, como este ser livre e desimpedido, capaz de transitar em diferentes contextos: “em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.”. Ela se torna, justamente, essa “heroína” para os moradores, já que é a responsável pelo contato deles com o “mundo”.

Além deste papel, a personagem principal era professora no sítio Ventania. A feminização do magistério decorre desde o início do século XIX, pois se acreditava que a profissão mais sensata para a mulher era a de professora, considerada como uma extensão do lar, embora alguns ainda contestassem a entrega de tal ofício, haja vista que para muitos a mulher era um ser subdesenvolvido, desprovido de capacidades cognitivas (LOURO *apud* DEL PRIORE, 2010) No entanto, o caráter maternal também atribuído ao feminino justificou sua atuação na sala de aula.

A capacidade de reinventar os destinos dos remetentes das cartas, com o intuito de diminuir o sofrimento daqueles que as recebiam, demonstra além do caráter empático da personagem, a capacidade de transformação da palavra (MENESES, 1995). A palavra escrita pode-se dizer que nesse contexto, provoca alterações, transforma quem a recebe, o que ocasiona o restauramento do seu poder mágico e arcaico (Idem, 1995). Assim, podemos dizer que na mesma medida que os falantes são formados pela linguagem, eles também a formam (SALIH, 2015 p.143).

No intuito de não causar mais sofrimento aquelas pessoas já tão castigadas pelas próprias situações cotidianas, a professora utiliza-se da astúcia, da astúcia para ajudá-las. Concebe a escrita como uma *tática* para superar as situações adversas escritas nas epístolas. Os conceitos de tática e estratégia são postulados pelo historiador francês Michel de Certeau em sua obra fundadora *A invenção do Cotidiano* (1994). Distinguem-nas de forma binária, diferencia assim fortes e fracos, dominantes e dominados.

A estratégia seria a instituição reguladora, a entidade conhecida como a autoridade, detentora do poder, na qual existe relação de dominação regras prescritivas de conduta, ou seja, o lugar do próprio (CERTEAU, 1994). Pode-se entender que o lugar do poder na narrativa está no Estado, no descompromisso da instituição privada com os cidadãos, pois, como é perceptível no conto, os remetentes das cartas ou são explorados pelos seus patrões, ou são indivíduos que vivem em situação de miséria nos grandes centros urbanos em que estão alocados, acentuando a presença das desigualdades sociais.

As táticas se manifestam na ausência de um próprio, são frutos da inteligência cotidiana. São flexíveis e ágeis, estão intimamente ligadas à astúcia popular. Certeau (1994, p. 100) concebe-as como “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”. Podem ser consideradas ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis.

Em oposição às estratégias – que visam produzir, mapear e impor – as táticas originam diferentes *maneiras de fazer*. Resultam das astúcias dos consumidores e de suas capacidades inventivas, possibilitando aos atores escaparem às empresas de controle e tomarem parte no jogo em questão. Dito isso, compreende-se que a mudança de destinos das cartas recebidas funcionaram como uma tática da personagem para ajudar a diminuir o sofrimento dos sitiados e lhes proporcionarem mais alegria.

A resolução rápida e a solução imprevisível pensada por Zefinha conferiram ao seu ato, o caráter tático, astucioso, a velha arma dos fortes contra os fracos. As ações empreendidas são desviacionistas, haja vista que mesmo que os acontecimentos trágicos narrados nas cartas realmente fossem verídicos, estes eram apagados ainda que momentaneamente, eram desta forma, reditos, reescritos, menos revividos.

A citacionalidade da mensagem escrita permite que ela possa ser sempre retirada de um determinado contexto e inserida em um contexto diferente (SILVA, 2014 p.94). Utilizando o caráter citacional do código escrito, a professora modificou os contextos e os cenários que chegavam pelos correios, conferindo-lhes novas roupagens-felizes, vale ressaltar-, visando sempre à coletividade, característica marcante da obra de Valéria.

CONCLUSÃO

Uma característica comum nas narrativas de Valéria é o poder de libertação conferido as personagens femininas, sejam para livrar-se das imposições patriarcalistas a que são submetidas, ou para reinventarem seus destinos e os destinos das outras pessoas. Na narrativa em análise, a libertação se dá pela palavra escrita, que também se manifesta através da profissão da personagem.

As narrativas da escritora destacam a capacidade de criativa e subversiva capacidade da resistência humana às normatizações reguladoras. A capacidade metamórfica empreendida por Valéria a suas personagens femininas faz com que elas exerçam diferentes atividades e mobilizem diferentes táticas (CERTEAU, 1994), a exemplo da escrita utilizada pela personagem principal do conto em análise.

A reconstrução identitária da personagem se deu devido a sua capacidade reiventiva, pois para Bauman (2005, p.21) “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto”. Tal reconstrução possibilitou ajudar seus conterrâneos a sofrerem menos com os infortúnios diários.

A escrita é empreendida na narrativa como tática (CERTEAU, 1994), devido ao seu caráter puramente desviacionista e imprevisível, haja vista que podem ser entendidas como conceituais, oportunistas, frutos da inteligência cotidiana. São práticas que se aproveitam de situações pontuais para gerar resultados imediatos, relacionando-se então com a astúcia popular.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, José Edilson de. **Leitura, Análise e interpretação.** In: PINHEIRO, Hélder (Org.) Pesquisa em Literatura. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer.** São Paulo: Vozes, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula.** IN: DEL PRIORE, Mary. (Org.). História das Mulheres no Brasil. 9ed. São Paulo: Contexto 2010.
- MENESES, Adélia Bezerra. **Do Poder da Palavra: Ensaios de Literatura e Psicanálise.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo.** São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer.** Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. 1 ed - .; 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. IN: Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. Nova York. Routledge, 1990. (Edição de aniversário, 1999).
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

AS DORES DA VELHICE: A MULHER ENTRE A JUVENTUDE, A ARTE E O SEXO

Jailma da Costa Ferreira – UEPB

Maria Ismenia Lima – UEPB

Ana Lúcia Maria de Souza Neves – UEPB

RESUMO: Este artigo nasce a partir das discussões realizadas no Componente Curricular Literatura Brasileira da Modernidade I, no curso de Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no qual houve a oportunidade de estudar e discutir aspectos ideológicos e estruturais acerca da Literatura de autoria feminina no Brasil, bem como a representação da mulher enquanto enunciadora de seu próprio discurso. Isto considerado, é propósito deste trabalho realizar uma análise, do poema *Dolores*, da escritora mineira Adélia Prado, a partir da Teoria Literária e dos Estudos socioculturais. Elegendo como principal aspecto para a discussão a construção da imagem feminina e da velhice representada pela angústia da voz poética do poema a ser analisado, o qual delinea o perfil da mulher enquanto transgressora dos costumes da família burguesa, uma mulher que se projeta para fora do lar e para uma vida sexual ativa. O eu poético não se limita a enxergar a velhice como um momento propício às lembranças, às recordações, mas enxerga também que na velhice o sujeito pode ter, e tem, outras pretensões, entre elas está o desejo sexual, como é bem enfatizado no poema a ser analisado. A discussão e a análise, que serão apresentadas, sustentam-se no cabedal teórico de autores como Del Priore (2011); Gomes (2008); Machado (2010), entre outros.

Palavras-chave: Adélia Prado; Escrita feminina; Velhice.

INTRODUÇÃO

Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis (MG), em 13 de dezembro de 1935, escritora de prosa e poesia, teve seu primeiro livro de poemas, **Bagagem**, publicado em 1975, esse livro é o marco de sua vida artística e uma de suas principais obras.

Pode-se dizer que a escritura de Adélia é transgressora, no que tange os temas que permeiam seus textos literários. Reunindo vários temas num mesmo poema, Adélia torna-se criativa ao rememorar seu cotidiano. Em sua poesia, a imagem feminina está presente na cozinha, no jardim, nos afazeres domésticos, mas essa mesma imagem também é apresentada num contexto erotizado; essa característica – da figura doméstica

e erótica – é uma marca bastante recorrente na poesia adeliana. A mulher do lar não é assexuada, como a sociedade quis mascarar no século XIX, mas sim sensual e erótica.

Conforme Gomes (2008, p. 65): “No século XX, diversas escritoras brasileiras criaram personagens femininas transgressoras para ressaltar o quanto a submissão do gênero feminino era uma imposição cultural.” Percebe-se, pois, nos textos adeliano que há a construção de uma mulher transgressora dos costumes da família patriarcal, uma mulher que se projeta para fora do lar e para uma vida sexual ativa. Como se lê em *Dolores*, poema que será analisado neste artigo.

Contudo, essa transgressão acontece de forma muito tênue, pois, a mulher representada em *Dolores* tem apenas um desejo: casar-se. Nesse sentido, essa mulher ainda está presa ao modelo da família patriarcal. Segundo o poema, ela poderia esperar ter sua imagem pintada em um quadro, citada em um poema, mas não, ela prefere o casamento, ser dona de casa, manter sua vida sexual, assim como as viúvas que não negam casamento, porque acham sexo agradável.

A mulher do poema *Dolores* vê no espelho toda a sua vida, seu passado, seu presente e seu futuro, ela enxerga o que foi, o que é e o que ainda pode ser. Contudo, diante da velhice que lhe resta, há um só desejo, um só pedido a Deus, ter a sorte das lavadeiras dos tanques, a sorte daquelas que consideram o sexo condição de alegria.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que norteia esta produção caracteriza-se como qualitativa, quanto à abordagem, e bibliográfica, quanto ao procedimento. Através da leitura do poema *Dolores*, autoria de Adélia Prado, buscar-se-á analisar a representação feminina sob a condição da velhice.

A perspectiva metodológica que norteia este trabalho está fundamentada na Teoria Literária e nas discussões dos Estudos Culturais, tendo em vista o texto literário como meio de estudo para compreender o caminho traçado pela mulher enquanto idosa numa sociedade que estigmatiza e desvaloriza o velho.

Contudo, é importante considerar que a leitura do texto literário admite diversas interpretações, podendo ser compreendido como uma teia de significações, as quais podem ser feitas, desfeitas, refeitas, rearranjadas, de acordo com o leitor, levando em conta, assim, aspectos sociais, culturais e históricos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Muitos dos textos de autoria feminina dos séculos XIX e XX são guiados por um eu-confessional. As experiências íntimas e subjetivas das mulheres vão aos poucos se tornando literatura. Tudo começa com os cadernos-goiabadas, como denominou Lygia Fagundes Teles, acerca dos cadernos de receitas que muitas mulheres possuíam, entre uma receita e outra escreviam suas confidências.

O caderno que antes era apenas de receita torna-se também uma espécie de diário, do qual muitas escritoras, mais tarde, inspirar-se-ão para a construção de suas criações literárias. Em um primeiro momento, esses textos são publicados em jornais e revistas, posteriormente serão também publicados como livros. E as histórias que antes eram segredinhos de diário vão se transformando em obras literárias.

A partir do século XIX, as mulheres começam a publicar seus primeiros textos, usando pseudônimos, para disfarçar a sua identidade, pois de acordo com Machado (2010, p. 312) “O nome da mulher, tanto quanto sua pessoa, devia se manter dentro de casa.” Portanto, o uso desses “falsos-nomes” eram de grande valia para que os textos tivessem a aceitação do público, o pseudônimo ocasionou-se como referência, assinalando assim o surgimento da escritora.

Percebe-se, pois, na escrita feminina uma espécie de memória, a qual faz referência, de forma implícita e explícita, às suas próprias experiências de vida. Conforme Soares (2007, p. 26):

No discurso poemático brasileiro de autoria feminina, constantemente se encontra essa individualização da memória comunitária, através de recursos estilísticos que promovem, literariamente, o questionamento da tradição patriarcal. A marcação dos fatos por uma *persona* poética vai-se misturando com a estilização de pessoas e situações [...].

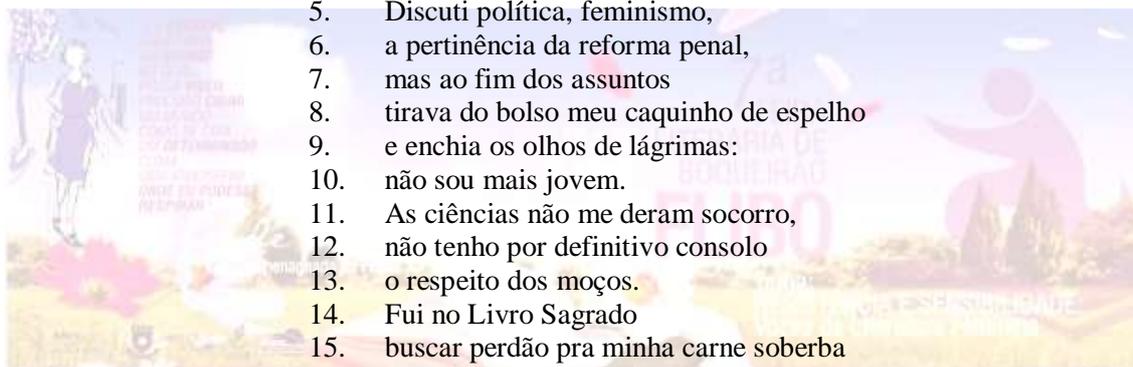
No poema *Dolores*, de Adélia Prado, percebe-se de forma muito acentuada essa presença da memória, a voz poética rememorando suas lembranças de quando era jovem, expressa sua angústia diante da velhice e lamenta por não ter mais a vivacidade da juventude, no entanto, deixa claro que seus desejos ainda estão vivos e vigorantes.

É importante enfatizar como muitas mulheres desejam ser jovens por toda a vida, há uma busca incessante pela jovialidade, pois é nela que se concentra a beleza, a força, o sexo e a fertilidade, este último parece o maior dos temores da voz poética.

Del Priore (2011, p. 23) afirma que “A vagina só podia ser reconhecida como órgão de reprodução, como espaço sagrado dos ‘tesouros da natureza’ relativos à

maternidade. Nada de prazer.” Contudo, a poesia adeliana rompe com esses tabus sociais, pois a voz lírica de seu poema evidencia que a mulher sente desejos e considera o sexo um ato muito agradável e prazeroso.

É importante ressaltar que essa concepção, apresentada por Del Priore (2011), é característico da sociedade brasileira oitocentista, no entanto, não se pode negar que mesmo na sociedade pós-moderna, falar/escrever da sexualidade feminina ainda é um tabu, sobretudo se essa escrita partir da mulher. Portanto, Adélia torna-se bastante irreverente ao falar em sua poesia de temas eróticos, sobretudo, por falar do erotismo feminino e ainda mais ao falar do desejo sexual da mulher na velhice, como se lê em seu poema *Dolores*:



1. Hoje me deu tristeza,
2. sofri três tipos de medo
3. acrescido do fato irreversível:
4. não sou mais jovem.
5. Discuti política, feminismo,
6. a pertinência da reforma penal,
7. mas ao fim dos assuntos
8. tirava do bolso meu caquinho de espelho
9. e enchia os olhos de lágrimas:
10. não sou mais jovem.
11. As ciências não me deram socorro,
12. não tenho por definitivo consolo
13. o respeito dos moços.
14. Fui no Livro Sagrado
15. buscar perdão pra minha carne soberba
16. e lá estava escrito:
17. "Foi pela fé que também Sara, apesar da idade avançada,
18. se tornou capaz de ter uma descendência..."
19. Se alguém me fixasse, insisti ainda,
20. num quadro, numa poesia...
21. fossem objetos de beleza os meus músculos frouxos...
22. Mas não quero. Exijo a sorte comum das mulheres nos tanques,
23. das que jamais verão seu nome impresso e no entanto
24. sustentam os pilares do mundo, porque mesmo viúvas dignas
25. não recusam casamento, antes acham sexo agradável,
26. condição para a normal alegria de amarrar uma tira no cabelo
27. e varrer a casa de manhã.
28. Uma tal esperança imploro a Deus.

Nos primeiros versos do poema é possível perceber que a voz poética não se encontra mais em sua juventude, estando na velhice ela lembra de sua atuação na política, nas questões femininas e de reformas penais (v. 5-6). Adélia atribui à mulher idosa funções sociais, das quais ela já poderia está desligada. Isso pode remeter o leitor a lembrar da vida da própria escritora, que está sempre ligada às questões políticas e

legislativas de seu país, portando-se, assim, como uma cidadã que tem seus próprios pontos de vistas e suas convicções para defender aquilo que considera coerente para o estabelecimento de direitos mais igualitários e humanizados para sociedade em que vive.

Há, portanto, nos versos adelianos, um memorialismo que permeia muitos de seus poemas, algo muito recorrente nos textos literários de autoria feminina. Como aponta Soares:

No memorialismo literário, reelaboram-se, através de um eu poético, imagens-lembranças que consistem na revivência afetiva de acontecimentos evocados por sensações que retornam renovadas; compondo-se a ficcionalidade do texto, pois, da recriação literária do passado emerge o verossímil, como uma experiência recordada (SOARES, 2007, p. 26).

Tal memorialismo está presente nos primeiros versos do poema analisado, nos quais o eu poético recorda com um certo saudosismo sua atuação em assuntos políticos e sociais. Todavia, resta-lhe agora a tarefa de lembrar, olhar para sua face no espelho e perceber que já não é o mesmo. O próprio espelho apresentado como um caco é muito simbólico, metaforizando algo que já não está mais inteiro, não há mais beleza, mas ainda é útil, cumpre a sua função de ser reflexo. No caso da mulher idosa, ela também tem esse papel de ser reflexo para o outro, memorando sua história para a sociedade.

A ação de retirar o espelho do bolso para olhar-se, revela um (re)conhecimento daquilo que se é, já que o espelho é o objeto no qual a sua própria imagem será refletida. Tirar o caquinho de espelho do bolso é também a atitude de reconhecer a si mesma na sua fragilidade enquanto idosa. Assim, reconhecendo que não há como mudar essa realidade, resta-lhe apenas chorar.

A literatura é esse espelho pelo qual muitas mulheres tem refletido suas histórias, como afirma Rosario Castellanos: “Cuando una mujer latino americana toma entre sus manos la literatura lo hace com el mismo gesto y com la misma intención con que toma um espejo: para contemplar su imagen” (CASTELLANOS, 1997, p. 140). Assim, o texto literário é tarefa identificatória: torna-se o espelho pelo qual elas veem e refletem sua própria face, sua própria vida.

No décimo primeiro verso, o eu poético contesta que nem mesmo a ciência lhe socorreu, assim, conseqüentemente perdeu o respeito dos moços. Vê-se, pois, duas possibilidades de leitura no décimo terceiro verso, acerca da perda do respeito dos moços. Os moços dos quais se refere à voz poética podem ser os rapazes que não se

interessarão mais por ela, pelo fato dela não ser mais jovem, como também o respeito dos moços pode fazer referência a forma de tratamento que é concedido aos jovens, mas que não é mais atribuído ao idoso. Pois, este último, por sua “inutilidade” social, muitas vezes também perde o respeito das pessoas, passando a ser tratado como alguém sem objetivos, vontades e desejos próprios. Conforme Bosi (1994, p. 77), “A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor”. Nesse sentido, restar-lhe-ia apenas aceitar sua condição de ‘inutilidade’ social.

Não encontrando socorro nem mesmo na ciência, o eu poético busca as Sagradas Escrituras, não com o propósito de reter sua juventude, mas para pedir perdão, por achar que seu desejo de ser jovem é um desejo soberbo. Entretanto, é no Livro Sagrado que ela depara-se com a resposta para sua angústia, ao encontrar-se com a personagem bíblica, Sara³, uma mulher estéril e de idade avançada, mas que pela fé foi capaz de ter uma descendência. Ou seja, é na velhice, considerado o momento da esterilidade, que a mulher tornou-se produtiva. Assim, brota a esperança de alguém reconhecer sua vida, sua presença, fosse em um quadro, em uma poesia (v. 20).

Nesse caso, a fertilidade da qual fala a voz poética está intrinsecamente ligada a vida da própria poeta. Pois, essa fertilidade não está associada a uma descendência de filhos, mas a sua obra de arte: sua poesia. É na idade madura que a poeta vai encontrar seu apogeu como mulher da arte, portanto, mulher fértil. Contudo, para ela a maior glória não está em ter seus músculos frouxos estampados em um quadro, metaforicamente seria o reconhecimento da sociedade diante de suas obras de artes, seus poemas. A poeta, no entanto, prefere a vida cotidiana, simples, mas ressignificada pelo modo com que ela encara-a.

Essa ressignificação dá-se em um tom de ousadia, ao mostrar que as mulheres donas do lar, mães, mulheres simples, dos tanques, acham sexo agradável. Assim, a poeta traz para sua poesia algo que ainda é muito resguardado pela sociedade: a sexualidade feminina. Embora a sociedade pós-moderna não trate mais a mulher como um ser assexuado, quando revela a sexualidade feminina, mostra-a sempre como um objeto de desejo que está ali apenas para satisfazer o desejo masculino. A mulher quase não aparece como aquela que tem seus próprios desejos sexuais e que deseja realizá-los por vontade própria e não para satisfazer o desejo de outrem.

³Gênesis 17, 15-22.

Portanto, é importante considerar que

A sexualidade da mulher velha discutida na literatura pode ser observada a partir de elementos significativos que representam a problemática das relações amorosas, apesar das relações sociais e familiares, envolvendo o afeto e as escolhas. Há encontros e desencontros, solidão e memória, o preconceito e o confronto do novo com o velho (LIMA, 2008, p. 259)

Ao falar da sexualidade da mulher dos tanques, Adélia problematiza tabus sociais, mostrando que a mulher seja ela lavadeira ou intelectual, viúva ou casada, jovem ou idosa, todas são sexuadas, têm desejos e não devem se envergonhar disso. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais a temática erótica esteja tão presente em seus versos, fala sem pudores sobre o sexo em seus textos literários.

Contudo, os versos 26 e 27 pontuam um aspecto importante na escrita de Adélia, pois a poeta embora defenda os direitos da mulher para além do lar, nunca deixou de apreciar, valorizar e até viver os costumes da mulher do lar. Portanto, ao afirmar que o sexo dá alegria para a realização das tarefas domésticas, ela deixa transparecer aquilo em que acredita, os afazeres domésticos não são nenhum tipo de sacrifício ou castigo, mas antes são tão prazerosos quanto o ato sexual.

Desse modo, pode-se afirmar que a mulher adeliana não se enxerga apenas como um objeto de prazer, mas também como um sujeito que têm desejos e que sente prazer em realizá-los. Esse prazer perpassa os anos e acompanha-lhe da juventude à velhice.

O desejo em viver a sexualidade na velhice é tão ardente, que essa é a sorte que ela deseja ter e que a leva no último verso a implorar a Deus. Assim, a voz poética aponta que a velhice não é um tempo reservado à mesmice, nem tampouco ao isolamento, mas a uma vida ativa e, vale salientar, em todos os aspectos.

Embora, Bosi (1994, 63) pondere que: “Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo”, restando-lhe apenas a função de lembrar, em seu texto poético, Adélia mostra que o idoso pode, quer e vai além, dessa tarefa simplória.

O eu poético, do texto adeliano, mais do que apontar a velhice como um momento de lembranças, de recordações, aponta que o idoso pode ter, e tem outras funções, entre elas está o desejo sexual, como é bem enfatizado no poema. Portanto, a velhice não é momento apenas para lembrar os prazeres de outrora, mas também para

revivê-los e até mesmo para viver novos acontecimentos, novos desejos, novas sensações.

CONCLUSÃO

No poema analisado, é possível afirmar que ao mesmo tempo em que os textos da poeta revelam uma mulher do cotidiano, também revelam uma mulher que busca ir além das construções sociais que lhes são impostas pela sociedade.

A mulher que sua poesia configura vai além de preconceitos, tabus e rótulos sociais: uma mãe, esposa que sente desejos; uma dona de casa que considera o sexo como condição essencial para se ocupar dos afazeres domésticos com alegria; uma velha que acha sexo agradável e essencial à sua vida.

Portanto, o poema adiliano revela que a mulher vai além das atribuições e dos valores sociais forjados pela sociedade burguesa, evidencia também que a velhice pode ser o tempo de memorar, mas não só. Envelhecer é encarar a vida com outro sabor, mas sem perder o ardor e os desejos que dão sentido à vida.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Trad. dos Monges Beneditinos. São Paulo: Ave Maria, 2010.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTELLANOS, Rosario. Mujer que sabe latín. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.

DEL PRIORE, Mary. História íntima: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

GOMES, Carlos Magno. A identidade gênero na ficção da escritora brasileira. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: Eduepb, 2008, p. 65-72.

LIMA, Susana Moreira de. O pulsar do corpo sob a velha pele. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: Eduepb, 2008, p. 259-266.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

PRADO, Adélia. Poesia Reunida. São Paulo: Siciliano, 1991.

SOARES, Angélica. Adélia Prado: questões ideológicas de gênero no memorialismo de Bagagem. In: **Gênero em questão**: ensaios de literatura e outros discursos. Campina Grande: Eduepb, 2008, 2007, p. 21-37.



MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO EM “VOZES-MULHERES”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Ismênia Lima
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)
Jailma da Costa Ferreira
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)
Orientadora: Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
(Universidade Estadual da Paraíba- UEPB)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o poema “Vozes- mulheres”, de Conceição Evaristo, buscando retratar a trajetória percorrida pelas mulheres negras ao longo da história do Brasil, procurando evidenciar também como se deu a construção da identidade da mulher negra ao longo dos séculos, tendo como elemento impulsionador a história e memória do povo africano. O Brasil carrega em sua constituição a marca do período escravocrata, uma vez que permitiu o trabalho escravo, impulsionou a vinda forçada de milhares de africanos para o país, em uma atitude de desrespeito e anulação da identidade dos sujeitos. Nesse sentido, ao se perceber a presença das mulheres negras no decorrer da história brasileira, constata-se que há uma busca pela afirmação de uma identidade étnica e racial, que se dá muitas vezes pela permanente rememoração da cultura e dos costumes dos antepassados, que vem a transparecer muitas vezes também na produção literária de algumas autoras negras, como é o caso de Conceição Evaristo, como forma de valorizar e de mostrar a riqueza do povo africano. Na análise do poema, “Vozes-mulheres”, será possível perceber que a trajetória das mulheres negras no Brasil foi marcada pelo anonimato e submissão. As várias etapas vividas pela mulher negra são retratadas mostrando que o seu espaço foi deixando de ser o do silêncio, para começar a ser o da liberdade e de uma identidade que ainda está em processo de construção e de (re) afirmação dentro do meio social. Para fins de análise, teremos como aporte teórico, Fonseca (2006), Hall (2014), Bauman (2005), Halbwachs (1990) e Proença Filho (2004).

Palavras-chave: Identidade; Mulher negra; Memória.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país formado por uma grande diversidade de povos e de culturas, junção de diferentes formas de ser e de ver o mundo. Entre os principais povos que contribuíram para a formação do povo brasileiro estão os povos africanos, que, no período da colonização vieram de forma forçada para o país. Esse movimento causou uma grande ruptura na vida dessas populações, uma vez foram tratados de forma cruel e subumana, tendo suas identidades e liberdades renegadas pelos colonizadores que, visando somente o lucro, acabaram por submetê-los a uma dura vida de escravidão e de anonimato nos engenhos e senzalas espalhados pelo Brasil.

Com o passar dos anos, a presença dos povos africanos e de seus descendentes foi lentamente se modificando, adquirindo novos modos de ser, mas isso não significou a sua inserção dentro da estrutura social de forma favorável, uma vez que grande parte da sociedade construiu desde o período escravocrata uma visão deturpada e preconceituosa com relação aos negros e negras africanas. Com relação às mulheres negras, a sua presença foi marcada por duplo preconceito, de raça e de gênero, uma vez que o sujeito feminino também teve uma longa história de submissão e inferiorização por causa da conjuntura social que foi fortemente marcada pelo patriarcalismo.

Assim, ao se perceber a presença das mulheres negras no decorrer da história brasileira, constata-se que há uma busca pela afirmação de uma identidade étnica e racial, que se dá muitas vezes pela permanente rememoração da cultura e dos costumes dos antepassados, como forma de valorizar e de mostrar a riqueza do povo africano. Nesse sentido, procuraremos por meio da análise do poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, perceber a trajetória das mulheres negras em busca de um espaço de afirmação de suas identidades dentro do meio social ao longo dos anos, em uma busca também por um espaço em que suas vozes possam ser ouvidas e ser instrumento que possibilitará a rememoração e valorização da cultura e história dos seus ancestrais. Para tanto, contaremos com a contribuição teórica de Fonseca (2006), Hall (2014), Bauman (2005), Halbwachs (1990) e Proença Filho (2004).

REMEMORAÇÃO HISTÓRICA: PRESENÇA DA PESSOA NEGRA NO BRASIL

Após o fim do longo período escravocrata no Brasil surgiu a questão da democracia racial, espalhando-se a ideia de que existia uma realidade que proporcionava a igualdade de direitos para todos e de maneira igualitária na sociedade. Nesse sentido, todos os cidadãos, sem distinção de raças, estariam sob as mesmas condições de desenvolvimento humano e social, havendo assim uma sociedade harmoniosa e sem preconceitos. Essa construção ideológica favoreceu o silenciamento sobre as mais variadas práticas preconceituosas e segregacionistas, que acabaram por impor aos negros e afrodescendentes a impossibilidade de acesso aos direitos fundamentais de todo cidadão. Segundo Fonseca (2006):

Livre da escravidão, mas vitimado por intensa pobreza e preconceitos e não protegidos por qualquer política de integração à sociedade, ficou à margem dos projetos de identidade nacional ou neles só pôde figurar

enquanto força de trabalho, que sustenta a mesma ordem que o exclui (p. 90)

Essa realidade tornou-se um obstáculo para a convivência e a manifestação identitária dos homens e mulheres negras no Brasil. Tendo na cor de sua pele o sinal de pertencimento a um determinado grupo étnico, esses sujeitos se vêem muitas vezes rodeados por olhares de julgamento e de preconceito, que terminam por enquadrá-los dentro de estereótipos construídos ao longo do tempo e que tiveram sua origem a partir do período escravista. Mesmo nos projetos de feição ufanista que exaltavam acriticamente os valores e tradições nacionais, percebe-se uma ideologia de exclusão do diferente, que aprisiona o negro em lugares e em funções marginais (FONSECA, 2006).

Ao pensar a trajetória dos negros em nossa sociedade, percebemos a força que teve a construção de uma imagem negativa com relação ao continente africano e os seus habitantes. Essa construção influenciou decisivamente para a permanência da estrutura entre colonizador e colonizado, contribuindo também para a destruição de parte da memória coletiva dos afrodescendentes. Assim como na sociedade, no meio literário a presença da pessoa negra também foi marcada pelo distanciamento e pelo estereótipo, através do olhar e da fala do branco sobre os negros, em uma posição que não permitia o discurso do sujeito negro.

Em sua análise, Proença Filho (2004, p. 161) ressalta que “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”, mostrando que no discurso literário nacional surgiram dois posicionamentos diferentes com relação ao negro: a visão distanciada, em que ele é tratado como objeto e o negro como sujeito, em uma atitude compromissada. A representação do negro por meio de um distanciamento é marcada pelo olhar do branco, que delega aos personagens negros à marginalidade, descentralizando e anulando qualquer possibilidade de ocupar a centralidade da palavra e tornar-se sujeito da enunciação. Sobre a escrita do branco com relação ao negro, Proença Filho (2004) afirma que:

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante. (p. 161)

Ao tecer uma longa análise sobre as mais diferentes e variadas obras de nossa literatura nacional desde o século XVII até a atualidade, Proença Filho (2004) vai ressaltar que em grande parte desses escritos o negro ou mestiço são camuflados sob variados estereótipos, que vão desde aquele em que a presença do negro aparece como um elemento perturbador da ordem social, visto como algo negativo para a sociedade, até aquele em que há uma romantização na descrição do negro heroico, passando também pela imagem do negro humanizado e pacífico, vítima sofrida de sua condição, além de sujeito tranquilamente integrado ao conjunto do povo brasileiro.

Essas visões construídas por grande parte dos escritores, principalmente aqueles do século XIX acabaram por influenciar a formação de um pensamento que ajudou a camuflar o preconceito arraigado na sociedade. Nessa perspectiva, os negros eram vistos como sujeitos dóceis e resignados, integrados à sociedade e que, principalmente, sabem reconhecer o lugar que lhes foi imposto socialmente (PROENÇA FILHO, 2004). Entretanto, esse comportamento pacífico e de submissão, começou a ser repensado a partir dos anos finais do século passado, com manifestações literárias de autores que compromissados com a afirmação cultural e identitária dos afrodescendentes, assim como pela reivindicação de sua legítima integração à sociedade, indo além dos estereótipos e distorções (PROENÇA FILHO, 2004).

Essa nova realidade é marcada pela escrita de muitos autores negros, que procuram ressaltar a condição real dos afrodescendentes, como também buscam mostrar e valorizar a riqueza cultural dos povos africanos, em uma atitude, muitas vezes marcada pelo retorno às raízes ancestrais, como forma de legitimação e de modo a reconstruir uma história que foi tragicamente marcada pelo período escravista. Entre os escritores afrodescendentes compromissados em construir e valorizar a cultura e a presença do negro no Brasil, estão as escritoras negras.

A trajetória das mulheres negras foi, assim como para os homens, marcada pela exclusão e submissão ao longo do tempo. Inicialmente, no período colonial elas ocupavam, além das senzalas, as cozinhas das fazendas dos senhores de engenho, executando trabalhos como cozinhar e cuidar dos filhos dos brancos e muitas vezes também eram vistas como objeto sexual por seus senhores. Como herança dessa realidade, criou-se um estigma com relação ao corpo feminino negro, voltado para a

sexualidade. Essa realidade se perpetua ainda nos dias atuais através do estereótipo da mulata sensual e genuinamente brasileira (FONSECA, 2006).

A presença feminina negra na literatura é marcada por um duplo enfrentamento, a questão da pertença étnica e a condição de gênero. A dificuldade dos escritores negros ou que escrevem sobre a cultura negra dentro do ambiente literário já é uma luta por reconhecimento, e com relação às mulheres, essa situação é mais profunda, uma vez que elas precisam lutar também por um espaço em que suas vozes possam ser ouvidas e elas possam se posicionar e serem respeitadas enquanto mulheres negras e também escritoras.

Nesse sentido, percebemos que é longo o processo de desconstruir estereótipos, de repensar a posição da mulher e da população afrodescendente no Brasil, com vistas a construir uma nova história em que a cultura, os costumes e tradições dos povos africanos possam ser valorizados e reconhecidos. Desse modo, é preciso repensar também a questão da cidadania, com ênfase na busca por garantir que os direitos fundamentais de todo cidadão, possam também ser garantidos à população negra. Dessa forma, procurando a valorização e igualdade entre as pessoas, respeitando suas diferenças e singularidades, faremos com que todos possam ter voz.

Entre os principais nomes da literatura afro-brasileira que podemos destacar como empenhados na luta por igualdade entre os povos e por dar voz ao negro, é a escritora mineira Conceição Evaristo. Mulher negra que por meio de sua escrita, retorna por vezes a trajetória dos povos negros e procura reescrever uma história que se volta para o futuro, mas que não delega a importância da ancestralidade e da memória de um povo.

DIÁLOGOS DA MEMÓRIA EM “VOZES-MULHERES”

O poema “Vozes-mulheres” está presente no livro de Conceição Evaristo intitulado *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicado em 2008. Tendo sido divulgado pela primeira vez nos Cadernos Negros, na edição número 13, em 1990. O poema aborda a questão da memória como motivação para a afirmação dos sujeitos e a busca por construir um futuro de liberdade. Eis o poema:

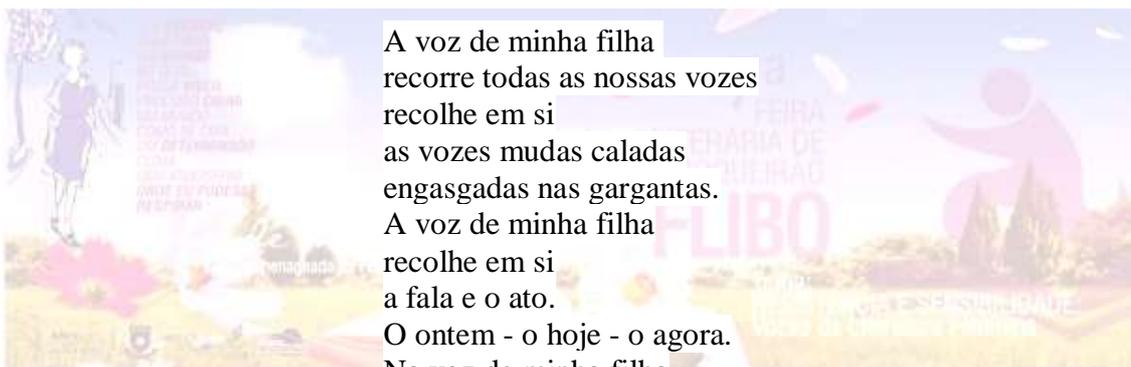
A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.

Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.



A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

O poema aborda a trajetória de uma família de mulheres negras na sociedade em diferentes épocas. Nesse percurso, o eu-lírico, que está no presente, faz um retorno ao passado e aponta para o futuro, em uma confluência marcada por perspectivas e sonhos de liberdade. Ao relembrar a história das mulheres de sua família, o eu-lírico não o faz por simples saudosismo, mas para mostrar a luta dessas mulheres em busca de igualdade em sociedades que se mostravam e ainda se mostram preconceituosas e racistas. Nesse sentido, a questão da memória é algo interessante, pois segundo Halbwachs, (1990) a lembrança tem haver com a vontade que se tem de relacionar o fragmento lembrado com as necessidades que se apresentam no momento presente.

Desse modo, percebemos que o eu-lírico não está satisfeito com sua realidade, pois percebe que esta continua a excluir as pessoas negras, e, no caso do poema, as mulheres negras. Essa constatação faz com que o eu-lírico passe a lembrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres de sua família em busca de um espaço de igualdade e de voz ativa na sociedade. Para iniciarmos, na primeira estrofe temos: “A voz de minha bisavó ecoou/ criança/ nos porões do navio”, mostrando a dura realidade vivida pelos povos africanos dentro dos navios, vindo forçadamente em direção ao Brasil, para viver uma realidade marcada pela escravidão. Dentre essas pessoas estavam as crianças, que, inocentes, não poderiam imaginar o futuro que teriam: “Ecoou lamentos/ De uma infância perdida.”

A partir desse momento instaura-se a questão da voz, que já vem expressa antes, no próprio título do poema, mostrando que essas vozes são por vezes expressões de realidades que não permitiam a tomada da palavra pelo sujeito e denunciavam também a realidade social do momento. Assim, através da recorrência da voz, poderemos ao longo do poema, perceber a caminhada percorrida pelas mulheres negras em busca do seu espaço. Na primeira estrofe não existe uma voz propriamente, mas um lamento sem forças para modificar o destino, já na segunda estrofe a voz da avó é silenciada, é o momento de obediência “aos brancos-donos de tudo”. Esse verso retoma o longo período de quase quatro séculos de escravidão no Brasil, em que os negros, em condição de escravos, eram obrigados a obedecer os senhores, caso contrário seriam punidos fisicamente. Essa obediência não significa passividade, mas resistência para conseguir sobreviver.

Ao falar de sua mãe na terceira estrofe, o eu-lírico retoma questões que vem marcando ao longo das gerações a realidade de grande parte da população negra: a vida em condições precárias de moradia (as favelas) e a exploração trabalhista. Ambas mostram o processo discriminatório da sociedade, que procurava de toda negar qualquer inserção das pessoas negras na sociedade. Assim a única opção de lugar para morar seria os morros. Já em “ecoou revolta/ no fundo das cozinhas alheias” retrata o espaço de trabalho destinado pela sociedade às mulheres negras, em que a submissão aos brancos “debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos” marca o lugar da separação entre as pessoas, em que um povo é visto como inferior a outro por causa da cor da pele. Cabendo-lhe assim, o lugar de subserviência ao sujeito de pele branca. No caso das mulheres negras, essa ideologia de inferioridade construída pela sociedade contribuiu

para o surgimento de estereótipos que dizem que os únicos espaços que elas podem ocupar são os das cozinhas. Nesse sentido, podemos retomar o pensamento de Bauman (2005, p. 44) que fala sobre a imposição de identidades:

No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha de identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* [...].

Sobre a citação acima, devemos perceber a questão da imposição identitária de um indivíduo (no poema é a sociedade) sobre outro, marcando seu lugar e impossibilitando que ele possa se assumir enquanto pertencente a um povo, ou até mesmo expressar suas individualidades. Nesse caso, a imposição de identidades revelada na terceira estrofe demonstra a tentativa de restringir qualquer possibilidade de ultrapassar o que já está pré-determinado por outros. A questão da construção identitária é algo debatido também por Hall (2014, p. 11) que diz ser a identidade algo “formado na “interação” entre o “eu” e a sociedade”, suscitando, assim uma troca e um posicionamento do sujeito, que absolve para si o que lhe convém como significativo.

Nos versos da quarta estrofe “A minha voz ainda/ ecoa versos perplexos” vê-se que a situação atual das mulheres negras e dos afrodescendentes no Brasil não está tão distante do passado, uma vez que eles ainda sofrem preconceito e são discriminados por causa de sua cor. Sendo que essa discriminação não ocorre da mesma forma que antigamente, explicitamente, mas de forma velada. No poema a condição do eu-lírico ainda requer a luta por igualdade e reconhecimento, busca por ter sua identidade e origem respeitadas. Ao lembrar a trajetória de luta das mulheres negras da família, o eu-lírico revela o sentimento de pertença a um povo, de identificação com ele, neste caso as mulheres negras.

Na última estrofe há um sentimento de esperança e de confiança no futuro, revelado pela descrição da filha do eu-lírico, que é vista como a voz que ecoará a voz de todas as outras mulheres da família: “recorre todas as nossas vozes/ recolhe em si/ as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas”. Ao depositar em sua filha a confiança de um futuro diferente, com igualdade e liberdade entre as pessoas, o eu-lírico promove a junção do passado e do presente, com o objetivo de construir uma nova história para todos os homens e mulheres negras. Isso se dará não só através da voz da filha, mas

também pelo seu ato: “A voz de minha filha/ recolhe em si/ a fala e o ato”, mostrando que essa voz tem autonomia e que pode promover a ação.

Podemos perceber no restante da quinta estrofe que o poema é cercado por uma áurea profética, que aponta para um porvir: “O ontem - o hoje - o agora/ Na voz de minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ o eco da vida-liberdade. A vida-liberdade será construída por meio da filha, que, reunindo as vozes do passado, de suas ancestrais, conseguirá escrever uma nova história para a coletividade feminina negra.

Com o poema “Vozes-mulheres”, Conceição Evaristo traz a questão da importância da memória como elemento impulsionador das transformações que se queira operar na sociedade. No caso do poema, essa memória é responsável por promover a liberdade das mulheres negras das gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os negros africanos e afrodescendentes foram desde o período da escravidão no Brasil, até os dias atuais desrespeitados de diversas maneiras ao longo do tempo. A sociedade construiu uma imagem do negro baseada em preconceitos e discriminação, essa realidade acabou por vezes impedindo que os negros ocupassem o seu espaço dentro da conjuntura social, sendo obrigados a ficar à margem. No entanto, a cultura e os costumes dos povos africanos, conseguiu ser mantida pelos afrodescendentes através da memória e a consciência de pertença.

Nesse sentido, percebemos através da análise do poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo a importância da memória como fator impulsionador para a emancipação das mulheres negras na sociedade, em um processo que parte do presente, rememora o passado, e, a partir disso, constrói o futuro. Um futuro em que possam ter voz e ter suas identidades respeitadas, como mulheres negras e como representantes de um povo, de uma etnia que luta para ter direitos e espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Visibilidade e ocultação da diferença. In: Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vechchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-163 apr. 2004.



AMAR E MALAMAR: A (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MOCINHA, DO CONTO *OLHARES*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Bruno Santos Melo (Universidade Estadual da Paraíba)
Fernanda Karyne de Oliveira (Universidade Estadual da Paraíba)
Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (DLA/Universidade Estadual da Paraíba)

Resumo: Este trabalho, fruto de análises do projeto de pesquisa intitulado “As personagens femininas da contística de Maria Valéria Rezende: da subserviência para o centro da cena”, orientado pela professora Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, terá como objetivo principal analisar o processo de (re) construção identitária que sofre a personagem “Mocinha”, protagonista do conto “Olhares”, do livro *Vasto Mundo*. A modernidade trouxe consigo a fluidez das identidades, e com isso, a oportunidade da “autoidentificação”, principalmente às mulheres, que até então, não se identificavam, mas eram identificadas pelo masculino, que lhe impunha valores acerca de como ser, o que falar e o que poderia ou não fazer perante uma sociedade patriarcal e machista. Por se tornarem fluidas, as identidades (agora à disposição do indivíduo) favorecem a luta pelo lugar que a mulher quer e merece ocupar em nossa sociedade, as tornando detentoras do seu próprio dizer e agir. Como referencial teórico, recorre-se a Bauman (2005), Hall (2014), Silva (2014) e Woodward (2014) com suas contribuições acerca de identidade e à Del Priore (2008), que traz em seus estudos históricos o percurso da situação da mulher no contexto brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Feminino; Maria Valéria Rezende.

INTRODUÇÃO

“Olhares”, o conto escolhido para análise, faz parte do livro *Vasto Mundo*, da escritora Maria Valéria Rezende. Valéria é santista, mas erradicou-se na Paraíba em 1976, e vem ganhando seu espaço na Literatura contemporânea através de prêmios e reconhecimentos. As suas obras seguem uma mesma temática, a de mostrar, de forma literária, a realidade vivenciada pelas pessoas comuns, em situações comuns. Traz para o centro da cena e dá o protagonismo àqueles que são marginalizados pela própria sociedade. Em suas narrativas, os personagens que se destacam são mendigos, freiras, donas de casa, trabalhadores, professoras, entre outras pessoas “normais”. De forma poética, Maria Valéria Rezende faz das situações corriqueiras, muitas vezes monótonas, um centro de peripécias, diversões, amores e desamores.

É forte em suas obras a figura do feminino, que, algumas vezes, descontrói a imagem da mulher que tem sido passada em nossa sociedade desde seus primórdios, bem como outras vezes, contribui para a manutenção dessa figura, pois as mulheres de Valéria têm seus momentos de emancipação, porém, acabam por retornar ao seu estado

inicial de subserviência ao masculino, pelos mais diversos motivos, o principal deles, continua sendo o amor, amor esse que acaba por manter esse sistema machista e patriarcal que persiste há vários séculos.

À mulher, cabe o papel de “anjo do lar” (DEL PRIORE, 2008), enquanto ao homem o espaço da rua. Essas afirmativas se confirmam ainda mais nas regiões interioranas (cenário principal das narrativas de Valéria), em que contradizer às vontades do masculino (pai, esposo, irmãos), era considerado uma audácia, e aí da mulher que ousasse tal feito. Corriam o risco de perderem o casamento, e a mulher separada era mal vista pela sociedade, então, para se preservarem, muitas mulheres enfrentaram um casamento muitas vezes marcado pela violência e imposições.

O amor tem várias significações na literatura; podendo ser um símbolo de eternização, sofrimento, luta, persistência, dentre tantas outras coisas que pode designar, também pode ser um meio de transformação pessoal. Não é incomum presenciar pessoas que se tornam totalmente diferentes devido ao amor, se tornando, assim, um elemento que ocasiona uma reconstrução identitária. A mulher passa a se embelezar mais, sair de casa mais arrumada, assim como o homem, quando quer conquistar a mulher desejada. Passam a ser novas pessoas em nome do amor.

METODOLOGIA

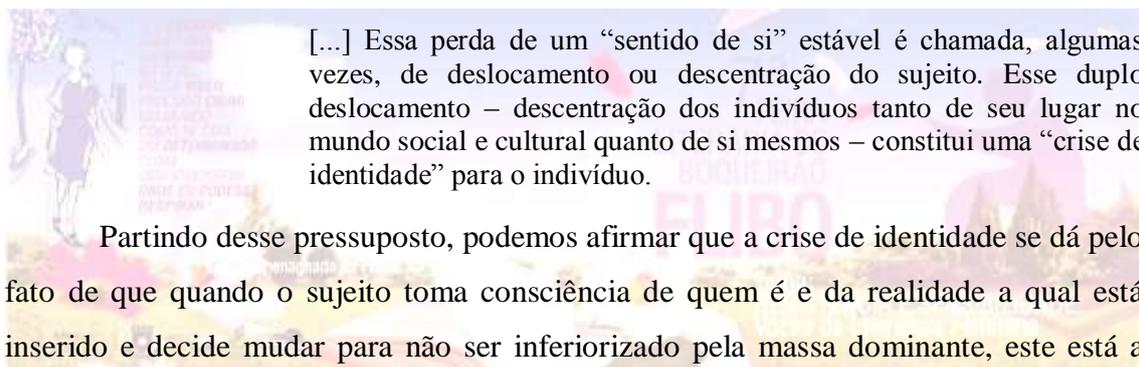
A perspectiva metodológica que norteia a construção deste trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, quanto à abordagem, e caracteriza-se como bibliográfica, quanto ao procedimento. Procura-se, pois, evidenciar através do conto *Olhares*, presente no livro **Vasto Mundo**, de Maria Valéria Rezende, a representação da identidade feminina construída ao longo da narrativa, a partir da análise das ações da personagem e protagonista Mocinha. Considerar-se-á o texto literário em sua perspectiva ficcional, mas também como aquele que aponta para uma realidade, na qual muitas mulheres estiveram e ainda estão inseridas na sociedade moderna e contemporânea, respectivamente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É perceptível na contística que as personagens não têm uma realidade estática, pois como marca do gênero conto, há um momento em que há uma reviravolta na

história, que afeta diretamente o feminino, de modo que as prisões machistas e patriarcais que as cercam são abaladas, dando assim, vez às mulheres, para construção de suas próprias realidades e identidades. A partir dessa “mudança de destino” é que as personagens irão ser quem sempre quiseram, fato esse que sempre foi impossibilitado pela figura do masculino, pois como nos traz Bauman (2005, p.18), “As pessoas na busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”. Principalmente quando essas pessoas são as mulheres, pois os valores que são repassados são os mais machistas e patriarcais possíveis, de modo que a mulher que opta por viver uma vida diferente da “qual lhe foi prescrita” é mal vista socialmente. Tais valores são tão fortes que para rompê-los, é necessário que a mulher persista e enfrente os julgamentos da sociedade.

A pós-modernidade trouxe consigo um fato importante no que tange às identidades, como aponta Hall (2014):



[...] Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que a crise de identidade se dá pelo fato de que quando o sujeito toma consciência de quem é e da realidade a qual está inserido e decide mudar para não ser inferiorizado pela massa dominante, este está a todo tempo se adequando aos mais diversos contextos, para melhor conviver socialmente. A partir disto, há a descentração do sujeito tanto social, pelo fato de ele “perder” certos valores que lhe foram imputados culturalmente, quanto de si mesmo, pois quando ele se “traveste” com outra identidade, passa a haver uma espécie de conflito interior, como aponta a perspectiva essencialista da identidade (WOODWARD, 2014), na qual o indivíduo possui uma “essência”, algo que lhe é imutável, que mesmo que sua identidade seja plurisignificada, nunca será plena. Acerca disso ainda afirma Hall (2014, p. 11):

A identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.”

Reafirmando o que já fora dito, Hall (2014) constrói a ideia de que esse algo interior, o que ele chama de “eu real”, de fato existe, mas a partir da interação social, essa “essência” vai se resignificando, tomando novos valores, provando, mais uma vez, que as identidades estão à disposição do indivíduo, que as usa conforme o contexto em que está inserido.

Neste sentido, é pertinente trazer a fala de Bauman (2005, p.18) para reforçar esta disposição da identidade ao indivíduo: “[...] talvez seja mais prudente portar identidades [...] como um manto leve e pronto a ser despido a qualquer momento.”. Pela própria metáfora utilizada por Bauman, ao comparar as identidades com um leve manto, vemos que ela é algo muito solúvel, que não é fixo e está em todo instante se modificando e se resignificando.

Um outro ponto importante é que os indivíduos são os detentores de suas identidades, que eles irão decidir quando irão optar por uma ou por outra, como uma espécie de “guarda-roupas” (BAUMAN, 2005), que o sujeito abre e escolhe qual a roupa que vai vestir no dia. E essa escolha não é aleatória, há uma série de fatores que devem ser levados em consideração, tais como o local em que essa roupa vai ser usada, para quem vai ser usada etc.

A mulher, neste processo de identificação, só tem o direito de “auto identificação” na pós modernidade, em que, por meio de muitas lutas e movimentos sociais, elas vem conseguindo espaço na sociedade, como destaca Bauman (2005, p. 94):

“[...] Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha de identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar.”

Pode-se afirmar, então, que no polo dominante se encontra o masculino, que desde a fundação da sociedade dita as regras de como ser e agir às mulheres, enquanto estas se encontram no outro polo, aquele que, por vários séculos, teve o direito negado a ser quem queriam ser, entrando em um estado de opressão pela falta de vez e voz. Um dos benefícios que a pós modernidade trouxe foi o poder de “ser quem quiser ser”,

porém, as pessoas que optam por essa escolha, são cientes de que isso implica na quebra de valores que são repassados há muito tempo, e que, serão alvos de julgamento de uma sociedade reprodutora de valores patriarcais e machistas, que luta para mantê-los, que só servem para diminuir e menosprezar as mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os contos de *Vasto Mundo* são contos que se interpenetram, pois se passam no mesmo ambiente, a cidade fictícia de Farinhada, em que alguns aparecem recorrentemente em vários contos, de modo que as narrativas presentes se complementam, propiciando ao leitor, uma sensação de continuidade, como se os contos explanassem as vidas dos habitantes que são citados anteriormente. Neste conto, a protagonista é Mocinha, que é descrita como uma jovem magra e sem muita beleza, e por isso nunca se apaixonara e nenhum dos rapazes tinha algum interesse por ela. Trabalha na padaria de Dona Piedade e o dinheiro que ganha ajuda a avó. Recebe esse apelido pois “estava condenada a ser só moça, a vida toda.” (p.51)

Na praça de Farinhada acontece um comício e Mocinha vai até lá, e logo se surpreende com um rapaz que pisca para ela e mantém um sorriso no rosto. A partir desse momento, Mocinha se inquieta e não acredita no que está acontecendo. Agora um homem a estava paquerando, e “[...] não podia pensar em mais nada. Em casa estavam até reparando na existência dela, de tanto que dava trancos na mesa, deixava cair as coias, atravessava-se no caminho dos outros, sem saber por onde ia nem o que fazia.” (p.51).

Nesse recorte do conto já é perceptível a visão que se tinha da mulher naquele contexto, em que a figura do feminino só é notada por conta de sua distração. A mulher não era notada, podendo ser comparada a uma espécie de “ser inanimado”, pois como aponta Del Priore (2008, p.403): “O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria.” Sem uma vida própria, não faria diferença em querer “ser”, pois os valores passados lhe impunham uma vida em favor e bem estar do masculino. Não era notada, como se vê na narrativa. Apesar de não ter um masculino para lhe ditar “como ser”, Mocinha convive com sua avó, que por ser mais velha, acaba se adaptando à “predestinação da mulher”, e sendo uma reprodutora de valores machistas. Ignorando o estado em que Mocinha se encontrava.

Na igreja, Mocinha descobre que o rapaz é recém chegado à cidade e por isso, vai visitar a mãe todo os sábados, e aí tem início um deslocamento: o deslocamento

psicológico de Mocinha, e esse deslocamento é o fator que implica na reconstrução identitária da personagem. Sabendo dessa informação, ela passa a ajudar menos a avó e usa o dinheiro que ganha para comprar um “vestido da moda” e um batom vermelho, com o intuito de “seduzir ainda mais” o rapaz. Chegando o sábado, ela se oferece para pegar uma encomenda de Dona Piedade, mas com o intuito de ver o moço. Acorda antes de todos da sua casa para vestir a roupa que comprara e usar o batom vermelho, pois sentia vergonha de sair de casa daquele jeito.

Colocou o vestido e passou o batom, mas se sentiu muito estranha com aquilo, e desfez tudo, e em seguida refez, pois era por “uma boa causa”. Pensou em soltar o cabelo, mas achou melhor não. Saiu de casa toda arrumada e por onde passava despertava olhares dos rapazes que dantes sequer notavam sua presença, mas “[...] não estava nem aí, já era comprometida.” (p. 54).

Aqui vê-se o início do processo de reconstrução identitária de Mocinha, pois como afirma Hall (2014, p.11): “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.”, e é exatamente o que acontece com a protagonista, que, para chamar atenção de Roberto, muda seu comportamento. A identidade, antes estável, torna-se agora fragmentada e não resolvida, pois apesar de não se sentir bem usando aquelas roupas, ela o faz.

Apesar de haver esse processo, Mocinha não se “liberta” totalmente do que era, pois em decidir por não soltar o cabelo, ela preserva parte da sua identidade “original”, o que Woodward (2014) denomina “perspectiva essencialista da identidade”, e o que Hall (2014) chama de “eu real”. Resguardar a “essência” foi uma escolha de Mocinha, pois apesar de estar apaixonada, decide não se “entregar totalmente” a esse amor. Como destaca Woodward (2014, p. 12): “Uma definição essencialista da identidade [...] sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características [...] que não se alteram ao longo do tempo”.

Mocinha enfim encontra o rapaz que continua a piscar para ela, mas isso já a incomodava, pois ele não tomava uma atitude, então, resolve comprar um disco de Roberto Carlos - que era o mesmo nome do jovem -, e decide enviar-lhe de presente, mas não recebeu nenhuma resposta.

Um dia, trabalhando na padaria, a mãe do rapaz chega e Dona Piedade pergunta-lhe como está o tratamento do filho, e ela responde que o médico receitou uma medicação e em breve ele para de piscar os olhos – advindo de um problema de visão.

Mocinha “não sentiu nadinha além de um certo espanto. Afinal, ele não era mesmo grande coisa. E o que não falta nesse mundo é homem. Tirou o avental e a touca, sacudiu a cabeleira e saiu requebrando pela praça.” (p. 56)

No clímax do conto, e desfecho da narrativa, a personagem descobre que tudo que ela vinha sentindo no decorrer do conto não passava de uma idealização, a fantasia de que Roberto Carlos a estivesse desejando - que é quebrada ao descobrir que tudo não passava de um problema de visão. Porém, ela faz uso dessa “quebra de expectativas” para se desprender de seu “resquício de identidade inicial”: o cabelo preso, desprendendo-o e saindo pela praça requebrando, chamando a atenção dos homens que por ali passavam. Aqui, vê-se uma perspectiva “não essencialista” da identidade, pois nada a protagonista se reconstrói em sua totalidade, não mantendo nenhum traço da mesma Mocinha do início.

A mulher, que antes era invisível, agora é totalmente visualizada, e aquela que tinha como destino “morrer moça”, fez uso da “quebra de expectativas” para se promover, pois “o que não falta nesse mundo é homem”. Como afirma Bauman (2005, p. 91): “Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha.”. Fato que ocorre com Mocinha, que sequer imaginaria se tornar outra pessoa por conta do “amor”, e faz uso de uma identidade (mas “resguardando” sua parcialidade), e quando esperava-se que ela ficasse deprimida ou cabisbaixa, faz uso da reconstrução identitária para ser quem quer ser.

Silva (2014, p.96) afirma que “a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.” Por ser um ato performativo, identidades nunca serão fixas ou engessadas, mas estarão sempre em um constante estado de transformação e ressignificação, haja vista que do acordar ao dormir, as pessoas se ressignificam identitariamente várias vezes ao decorrer do dia. Isso é algo muitas vezes involuntário, pois é tão corriqueiro que se torna inconsciente.

CONCLUSÃO

As mulheres sempre foram vistas/tidas como seres inferiores aos homens, e na narrativa de Maria Valéria Rezende, apesar de suas mulheres se encontrarem em um contexto o qual não as favorece, elas conseguem uma forma de se promover, de

tomarem para si o direito do “ser” e o direito da palavra, mesmo que, em alguns contos, momentaneamente. Porém, elas se empoderam do que lhes foi privado devido a valores arcaicos, que persistem em subjugar e inferiorizar a mulher.

No conto analisado, a personagem era tido como um “ser inanimado”, e por conta de uma paixão, ela passa a ser notada, mas ainda assim pejorativamente, por uma sociedade em que só confirma os valores patriarcais, em que uma moça não pode demorar muito tempo para se casar, caso contrário, “ficará para a titia”. Uma mulher que opta por seguir uma vida diferente dos moldes burgueses impostos às mulheres desde o século XIX, aqueles que pregavam que a mulher deveria ser uma boa moça, boa esposa, boa mãe e uma boa dona de casa, acabava por ser mal vista, pois a mulher antes de nascer já tinha seu destino todo traçado.

Apesar de saber o que virá a ser enfrentado, muitas mulheres quebram essa “predestinação” e vão viver suas vidas conforme lhe acham por bem, sem se preocupar com o que a sociedade vai pensar, pois o que mais importa é viver feliz, longe de rótulos ou estereótipos, que tendem a humilhar e desumanizar (BAUMAN, 2005).

A literatura contemporânea vem ganhando espaço devido às temáticas atuais que abordam, como o papel da mulher na sociedade, que, mesmo que de forma lenta, vem conquistando seu espaço em nossa sociedade vigente. Tomar a literatura para além de seu caráter ficcional é o primeiro passo para compreender que o escritor descreve, na maioria das vezes, uma realidade de forma poética, como faz Maria Valéria Rezende e outros tantos escritores.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vechi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e**

diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. Cap. 2. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. Cap. 1. p. 7-72.

